

A intervenção de Stalin na linguística soviética vista por Alexander Soljenítsin: entre usos sociopolíticos e literários dos conhecimentos sobre linguagem e línguas

Ekaterina Velmezova¹

Abstract: The objective of this study is to analyze texts of J. V. Stalin produced during the years 1950 and compare them with passages of the novel of Alexander Soljenítsin ‘The First Circle’ for investigating the sources of the ideas of the soviet dictatorship on language, grammar, superstructure and ways of production and, at the same time, to observe how some important conceptions of Stalin are interpreted in the novel of Soljenítsin.

Key-words: Linguistic Ideas of Stalin; language; grammar; novel; interpretation.

Resumo: O objetivo deste estudo consiste em analisar textos de J. V. Stalin produzidos durante os anos 1950 e compará-los com passagens do romance de Alexander Soljenítsin ‘O Primeiro Círculo’ com vistas a investigar as origens das idéias do ditador soviético sobre língua, gramática, superestrutura e modo de produção e, ao mesmo tempo, observar como algumas concepções que têm destaque na obra de Stalin são interpretadas no romance de Soljenítsin.

Palavras-chave: Idéias linguísticas de Stalin; língua; gramática; romance; interpretação.

O romance de Alexander Soljenítsin, *O primeiro círculo* (*V krugé pervom*), é uma das raras obras literárias onde a história das ideias linguísticas está refletida. Vários episódios da história da ciência da linguagem são apresentados ao mesmo tempo em *O primeiro círculo*: o marrismo, a “nova teoria da linguagem” de Nicolau Marr (1865-1934) (cf. Velzemova, 2011), a história da fonética experimental, assim como a intervenção de Stalin na “livre discussão linguística” na URSS em 1950.

O romance foi escrito entre 1955 e 1958 (Soljenítsin, 1982, p.9²). Em relação aos eventos que acontecem nessa obra, eles ocorrem (com numerosas analepses) de 24 a 27 de dezembro de 1949, ou seja, menos de seis meses antes da publicação, em 20 de junho de 1950, no jornal *Pravda*, do célebre artigo de Stalin que criticava severamente a “Nova teoria da linguagem”.

As passagens linguísticas do romance de Soljenítsin já tinham chamado a atenção dos linguistas e historiadores das ideias. Assim, segundo Louis-Jean Calvet, “o Stalin de Soljenítsin aparece [...] como um homem entediado e que, para matar o tempo, desenvolve uma intuição diretamente inspirada por um obscuro linguista georgiano [Arnold Tchikobava – E.VJ]” (Calvet, 1977, p.32). O historiador russo contemporâneo B.S. Ilizarov reproduz essas páginas do romance em seu último livro dedicado a Stalin e Marr (Illizarov, 2012,

1 Docente de Língua e Literatura Russa e Pesquisadora da Universidade de Lausanne.

Este artigo é uma contribuição inédita das pesquisas realizadas pela Profa. Ekaterina Velmezova.

2 Mais tarde, em 1964, o romance foi transformado e resumido (“desfigurado” [iskazhen]) para ser “reescrito” em 1968 (*ibid*). É nesta versão que nos apoiaremos neste artigo.

p. 173-176), insistindo em uma certa simplificação, entre outras simplificações, que o autor demonstra “na descrição, tanto do modo de vida [byz] de Stalin, como dos motivos particulares que levaram o ditador a começar a discussão [linguística]” (*ibid.*, p.176).

Já no presente artigo, comparando essas passagens do romance de Soljenitsin com os textos de Stalin de 1950, tentaremos, na primeira parte, medir o “grau de confiabilidade” da transposição do discurso linguístico stalinista para a literatura. Isso nos permitirá julgar melhor a amplitude das consequências que a intervenção linguística de Stalin teve para a sociedade soviética dos anos 1950 e 1960.

1 A “discussão linguística de 1950”: a intervenção de Stalin em linhas gerais

Antes de passar à comparação dos textos de Stalin e Soljenitsin, relembremos brevemente as questões linguísticas que o ditador discutiu em 1950³. Com exceção do já mencionado artigo de 20 de junho, as reflexões linguísticas de Stalin estão presentes em várias de suas respostas a “cartas de leitores” desse mesmo jornal.⁴ Essas respostas foram publicadas no *Pravda* entre 4 de julho (resposta a E.Kracheninnikova de 29 de junho) e 2 de agosto (respostas a G.D. Sanjéiev, D. Belkin e S. Fourer e A. Kholopov, datando de 11, 22 e 28 de julho respectivamente). Segundo os comentários de Vladimir Alpatov, entre os destinatários dessas respostas “apenas G.D Sanjéiev era um linguista profissional⁵, os outros nomes eram praticamente desconhecidos” (Alpatov 1991 [2004, p. 188]).

Tomando como modelo um diálogo com “um grupo de jovens camaradas”, o artigo de Stalin de 20 de junho continha as seguintes teses-chave:

- 1) a língua não é uma superestrutura acima de uma base;
dos povos que as falam;
 - 2) enquanto fenômeno singular, a língua:
 - está ligada à sociedade;
 - é um meio de comunicação que existe para assegurar a troca de ideias entre as pessoas;
 - é constituída, em seu núcleo, pela gramática e pelo vocabulário de base;
 - evolui sem saltos revolucionários bruscos e (mais) por divergência do que por convergência;
 - 3) por fim, o *Pravda* teve razão em abrir uma “discussão linguística”, uma vez que a dominação do marxismo foi vista por Stalin de forma muito negativa.
- Stalin não separa completamente suas respostas às quatro questões acima, umas das outras, e sim retoma algumas ideias várias vezes: discutindo, entre outros, os traços característicos da língua, ele repete que ela não é uma superestrutura acima de uma base econômica.

Da mesma forma, repete em suas “respostas a camaradas”, publicadas mais tarde, algumas teses expostas no artigo de 20 de junho. Dessa forma, respondendo a Kracheninnikova, ele reafirma de um lado que a língua não é uma superestrutura; de outro, admite que, se existem algumas “diferenças de classe” nas línguas (no nível do léxico, por exemplo), isso não impede a existência de línguas “dos povos inteiros” (pois “a gramática de classe” não existe). Stalin retoma essa mesma distinção (dialetos / “línguas de classe” *versus* línguas independentes) em sua resposta a G. Sanjéiev.

Ao responder “aos camaradas Belkin e Fourer”, ele reflete mais uma vez sobre os “traços característicos da língua”, dizendo que a língua não pode existir sem matéria e que

3 A discussão no jornal *Pravda* (órgão central do Partido Comunista Soviético) começou no dia 9 de maio de 1950. Durante aproximadamente seis semanas, até a intervenção de Stalin em 20 de junho, o jornal publicou artigos de três tipos a cada semana: “pro-marristas”, “neutros” e “anti-marristas”.

4 No presente artigo, não entraremos em detalhes no problema da autenticidade dos textos assinados por Stalin. Referir-nos-emos apenas à última pesquisa de B.S. Ilizarov (Ilizarov, 2012), que estudou os rascunhos dos textos linguísticos de Stalin, conservados nos arquivos pessoais do ditador. Isso lhe permitiu afirmar que o texto sobre a “intervenção linguística” foi (em todo caso grande parte dele) redigido pelo próprio Stalin. (*ibid.*, p.259)

5 G.D Sanjéiev [Sanžeev] (1902- 1982) era um especialista em línguas mongóis.

para ele a linguagem sonora seria, por outro lado, principal, enquanto a linguagem gestual tem uma importância menor, etc.

Para terminar, na última “resposta aos camaradas”, Stalin ainda discute a evolução linguística. Contudo, se suas respostas posteriores remetem a teses já expostas, o ditador também acrescenta a elas alguns elementos novos, chamando a atenção em sua resposta a Kracheninnikova, por exemplo, para a importância do estudo da semântica, que não deveria ser, no entanto, exagerado⁶, etc.

2 Stalin-teórico das ideias linguísticas *versus* Stalin-personagem de Soljenitsin

Passemos agora à análise da transposição dos textos correspondentes de Stalin para a obra de Soljenitsin. O ditador soviético aparece desde a primeira página de *O primeiro círculo* sem que, no entanto, seu nome seja mencionado: “Ele é um homem, um só, recluso atrás de uma dezena de muralhas, que não dorme durante a noite e que treinou todos os que rabiscam textos em Moscou a compartilhar sua vigília até três ou quatro horas da manhã” (Soljenitsin, 1982, p.7)⁷. Mais para frente, o autor descreve as reflexões de Stalin durante a noite, na qual o ditador, esse “Corifeu dos Linguistas”, “brandiu sua faca na cabeça de Marr” (p.356): no romance, trata-se da noite de 24 para 25 de dezembro de 1949.

Já que o capítulo correspondente do romance (seu título foi traduzido em francês para *La langue est instrument de production* [A língua é instrumento de produção]) era menor que os textos linguísticos reais de Stalin, poderíamos supor que não há correspondência direta entre eles. Contudo, comparemos os dois textos.

Várias citações de Stalin foram transpostas por Soljenitsin de maneira muito fiel (exceto por algumas palavras). Abaixo, vejamos um exemplo:

“Citações” de Stalin- personagem do romance de Soljenitsin	Citações dos textos linguísticos de Stalin
“ (...) Qualquer língua das nações soviéticas que consideremos, russo, ucraniano, bielorrusso, uzbeque, cazaque, georgiano, armênio, estoniano, letão, lituânio, moldávio, tártaro, azerbaidjano, basquir, turcomeno (...)’ será compreendida incontestavelmente” (p.148)	“Não é segredo para ninguém que o russo serviu tanto ao capitalismo e à cultura burguesa russas antes da Revolução de Outubro quanto (ela) serve atualmente ao regime socialista e à cultura socialista russa. Deve-se dizer o mesmo das línguas ucraniana, bielorrussa, cazaque, uzbeque, georgiano, armênia, estoniana, letã, lituana, moldávia, tártara, azerbaidjana, basquir turcomena e outras línguas de nações soviéticas que serviram tanto ao antigo regime burguês quanto servem ao regime novo, o socialista” (Stalin, 1979, p.200*)”.

* Quando nos referirmos, mais adiante, à tradução francesa dos textos linguísticos de Stalin, indicaremos somente as páginas da edição datada de 1979.

Como se pode ver, a lista de línguas assim como a ordem de sua enumeração⁸ são as mesmas nos dois textos. Soljenitsin conseguiu transmitir o estilo particular dos trabalhos stalinistas, reproduzindo, entre outros, longas enumerações, que constituíam um de seus

6 Vemos ainda nessa resposta uma crítica de Stalin endereçada a Marr, que era apaixonado pela ciência das significações linguísticas.

7 Salvo menção contrária, ao nos referirmos mais tarde à tradução francesa de Louis Martinez do romance de Soljenitsin, indicaremos apenas as páginas dessa mesma edição de 1982.

8 A comparação dos dois textos originais (em russo) ainda deixa à mostra uma semelhança até mesmo na denominação das línguas. Assim, no que diz respeito ao letão, nos dois textos russos, nos dois casos, é mencionado *latvijskij (jazyk)* (Soljenitsin, 1999, p.172 e Stalin, 1950, p.16); e não *latyšskij*, denominação mais corrente.

traços típicos⁹. Vejamos a citação do romance, desta vez sem cortes:

“ (...) *Qualquer língua das nações soviéticas que consideremos, russo, ucraniano, bielorrusso, uzbeque, cazaque, georgiano, armênio, estoniano, letão, lituânio, moldávio, tártaro, azerbaidjano, basquir, turcomeno (Mas que diabos, quanto mais ele envelhecia mais tinha dificuldade de parar suas enumerações. Aliás, será que isso seria desejável? A repetição permitia imprimir melhor suas ideias no leitor e lhe despertar o gosto pelas objeções)* ’...será compreendida incontestavelmente (p.148¹⁰).

No livro de Soljenítsin, essa citação permanece inacabada: começando a escrevê-la, colocando uma longa enumeração no começo de uma frase, o personagem Stalin ainda não sabe como irá terminá-la. “Acrescentar aqui alguma evidência enorme. Compreender incontestavelmente, mas o quê? Nada estava claro...” (p.148). Em geral, o Stalin, personagem do romance, prefere visivelmente *escrever* sobre linguística ao invés de *refletir* sobre ela. Como no caso anterior, às vezes ele só começa uma frase com o objetivo de escrever pelo menos algo, sem que ele mesmo compreenda o que quer dizer. Contudo se, ainda dessa vez, existe uma semelhança entre as frases do romance e as dos trabalhos linguísticos de Stalin¹¹, estas últimas não são certamente inacabadas:

Soljenítsin	Stalin
“Deixando-se levar, ele anotou diversas frases: ‘A superestrutura é secretada pela base a <i>fin de...</i>’ “A língua é criada para...” (p.106).	“A superestrutura é justamente gerada pela base para servir essa primeira, para contribuir ativamente na sua formação e consolidação, para lutar ativamente com o objetivo de liquidar a antiga base deteriorada junto com sua superestrutura antiga”. (p.199) “A língua existe precisamente, ela se constituiu precisamente para servir a sociedade como um todo, enquanto meio de comunicação entre os homens, para ser comum aos membros da sociedade e única para a sociedade, para servir também aos membros da sociedade, independentemente da classe à qual pertencem”. (p.200)

O paralelismo entre esse capítulo do romance de Soljenítsin e os textos linguísticos de Stalin se revela não apenas pelo nível do estilo e da transposição direta de certas frases de Stalin nessa obra literária, mas também através de várias teses teóricas gerais.

Dessa forma, segundo Soljenítsin, mesmo estando persuadido pelo “poder eletrizante” de sua “lógica” bem como pela “cristalina clareza” de sua “bela inteligência” (p.105), Stalin intervém na linguística com o objetivo de “realizar uma façanha científica: dar uma contribuição brilhante a outras disciplinas além da história e filosofia” (p.147)¹². Em *O primeiro*

9 Refletindo sobre a autenticidade dos textos linguísticos assinados por Stalin e publicados em 1950, V.M Alpatov menciona também o “estilo particular de Stalin” (Alpatov, 1991 [2004, p.188]; sobre o estilo particular de Stalin cf. também Ilizarov 2012, p.177).

10 Outras passagens do romance de Soljenítsin, sem voltar à linguística, refletem também sobre esse mesmo estilo (não somente de escrita, mas também de pensamento) de Stalin, cf., por exemplo, Soljenítsin, 1982, p.126, 127-128, etc.

11 Mesmo que, mais uma vez, a semelhança entre os dois textos tenha sido em parte perdida nas traduções francesas.

12 A hipótese do motivo da intervenção *stalinista* na linguística é aceita, entre outros, por V.M Alpatov: “Já fazia doze anos, depois do lançamento do *Cours abrégé*, que Stalin não havia mais reconfirmado sua reputação de teórico” (Alpatov, 1991 [2004, p.183]; cf. também Gorbanevskij 1988 e 1991, p.134). Ora, essa intervenção do ditador na linguística poderia certamente ter (ainda) outras razões, que merecem ser estudadas à parte, mesmo que várias pesquisas tenham se debruçado sobre essa questão. Em relação ao romance de

circulo, Stalin sonha em tornar-se teórico das ciências exatas, porém não entende nada do assunto. Se ele escolhe a linguística como campo de batalha, não é apenas porque fica sabendo que Tchikobava criticava Marr, mas também porque, para ele, “a linguística (...) se parece com a gramática¹³, que aos seus olhos, rivalizava em aridez com a matemática” (p.104):

Soljenítsin	Stalin
“Aparentemente, ele tinha feito de tudo para ser imortal. Seus contemporâneos, mesmo que o chamassem de Sábio entre os Sábios, não o admiravam, contudo, como ele merecia. Eles eram superficiais em suas exaltações, não conseguiam dar-lhe o devido valor. Nos últimos tempos, ele estava consumido por uma obsessão: não apenas vencer a terceira guerra mundial, uma ideia muito boa, mas era necessário ainda realizar uma façanha científica: dar uma contribuição brilhante a outras disciplinas além da história e filosofia. É claro que essa contribuição ele poderia ter oferecido à biologia, mas nessa área tinha passado a vez para Lyssenko, homem probo e vivaz, verdadeiro filho do povo. A matemática e a física tinham mais atrativos para Stalin. Todos os fundadores do materialismo científico se aventuraram nelas com intrepidez. Não se podia deixar de ter inveja ao ler as páginas corajosas que Engels dedicara ao zero ou menos um ao quadrado. Stalin admirava, da mesma forma, o desembaraço de Lênin, jurista de formação, que tinha se aventurado na selva da Física para recolocar os sábios em seu devido lugar e estabelecer que a matéria não poderia se transformar em energia. Stalin tentara em vão folhear a <i>Algébra</i> de Kiseliiov e a <i>Física</i> de Sokolov desenvolvida para as grandes classes, mas não chegou a descobrir nada que lhe desse um <i>insight</i>. Uma feliz intuição lhe surgiu, é verdade que em outra área, a da Linguística, na época do caso Tchikobava (...) Ele teve, de repente, a certeza de que faria mais barulho recusando a teoria contrarrevolucionária da relatividade ou da mecânica ondulatória. Os assuntos de Estado não lhe deixavam muito tempo para o lazer. A linguística, mesmo assim, se parece com a gramática, que, aos olhos de Stalin, rivalizava em aridez com a matemática.	“Por conseguinte, abstraindo o particular e o concreto, tanto nas palavras como nas orações, a gramática toma o que há de geral na base das modificações das palavras e das combinações de palavras em orações e retira as regras e leis gramaticais dessa mesma base. A gramática é o resultado de um trabalho prolongado de abstração do pensamento humano, o indício de imensos progressos do pensamento. Nesse aspecto, a gramática lembra a geometria, que elabora suas leis abstraindo objetos concretos, considerando-os corpos desprovidos de características concretas e definindo as relações entre eles não como concretas, mas como relações entre corpos em geral desprovidos de todo caráter concreto”. (p.212).

Soljenítsin, indicamos aqui duas outras razões que também são (implicitamente) apresentadas nessa obra: a “questão eslava” e a “questão chinesa” (as relações da URSS com os países “eslavos” e a China). Dedicaremos um estudo à parte a esses problemas – assinalando por enquanto que essas duas razões possíveis para a intervenção de Stalin já atraíram a atenção dos historiadores das ideias (cf. Kiparsky, 1970, p.96; L’Hermitte, 1987, p.73-74; Gorbanevskij, 1991, p.147-151, etc).

- 13 Em geral, Stalin – o político real – compreendia a *língua* como sendo composta pela *gramática* e pelo *vocabulário de base*: “No que diz respeito ao vocabulário de base e ao sistema gramatical do russo, que constituem o fundamento da língua...” (Stalin, 1979, p.199); “(o) essencial na língua é o sistema gramatical e o acervo o lexical de base, etc.” (*ibid.*, p.214), etc.

Como mostramos anteriormente, a primeira questão que Stalin responde em seu artigo de 20 de junho diz respeito às relações entre a língua e a superestrutura. No artigo, ele responde que não, sem nenhuma hesitação, à questão de a língua ser uma superestrutura acima de uma base: “PERGUNTA: *É verdade que a língua é uma superestrutura acima de uma base?* RESPOSTA: - *Não, é mentira*” (Stalin, 1979, p.198). Em uma de suas “respostas posteriores a camaradas” (mais precisamente na resposta a Kracheninnikova), Stalin recusa-se a considerar a língua como um fenômeno “intermediário” “entre base e superestrutura”. Segundo ele, “tais fenômenos intermediários não existem” (*ibid*, p.222). Em contrapartida, o Stalin, personagem de Soljenítsin, está longe de ter muita certeza de si:

Soljenítsin	Stalin
“A economia é a base, os fenômenos sociais estão subordinados à superestrutura. Como se diz em boa doutrina marxista, não há meio termo. Ora, a experiência de toda uma vida demonstrara a Stalin que não se poderia avançar sem meio termo. É dessa forma que se encontram países neutros (com os quais acertaremos a conta mais tarde) e partidos neutros (fora de nosso país, é claro). Alguém que, no tempo de Lênin, decretasse: ‘Quem não está conosco não está necessariamente contra nós’, seria eliminado imediatamente. Era, no entanto, realmente o caso. A dialética, oras” (p.148**).	“QUESTÃO: <i>Em seu artigo, você mostra, de maneira convincente, que a língua não é nem uma base nem uma superestrutura. Então seria legítimo considerar a língua como um fenômeno próprio tanto à base quanto à superestrutura ou seria mais apropriado considerá-la um fenômeno intermediário?</i> RESPOSTA: (...) não se pode colocar a língua nem na categoria das bases nem das superestruturas. Tampouco se pode colocá-la na categoria dos fenômenos “intermediários” entre base e superestrutura, visto que tais fenômenos ‘intermediários’ não existem”. (p.220, 221)

** O Stalin de Soljenítsin também reflete sobre a *base* e a *superestrutura* fora de suas ligações com a linguística. (cf. Soljenítsin, 1982, p.118, etc.)

Embora esta situação seja mais uma exceção à regra, quando as reflexões reais do personagem Stalin não correspondem completamente às ideias do ditador, outras teses-chave linguísticas de Stalin são retratadas por Soljenítsin de maneira mais fiel.

As ideias do ditador sobre as relações entre a base e a superestrutura o levaram à questão que, no romance de Soljenítsin, tornou-se o título de um capítulo (“A língua é instrumento de produção”): será que a língua seria um instrumento, uma ferramenta de produção¹⁴?

Soljenítsin	Stalin
“Stalin debruçou-se sobre o artigo de Tchikobava, chocado com um pensamento que nunca lhe ocorrera: se a língua é superestrutura, por que ela não muda a cada época? Se ela <i>não</i> é superestrutura, o que é então? Base? Modo de produção? Na verdade, o modo de produção resulta de forças e relações de produção. Nomear a língua <i>relação</i> é aparentemente impossível. A língua seria, portanto, uma força produtiva? Mas, veja, as forças produtivas reduzem-se aos instrumentos, aos meios de produção e aos homens. Diabos, nunca saímos disso.	“Mas talvez pudéssemos colocar a língua na categoria das forças produtivas da sociedade, na categoria, digamos, dos instrumentos de produção? É fato que existe certa analogia entre a língua e os instrumentos de produção: os instrumentos de produção, assim como a língua, manifestam uma espécie de indiferença para com as classes e podem servir da mesma forma às diferentes classes da sociedade, tanto as velhas quanto as novas. Essa circunstância nos autoriza a colocar a língua na categoria dos instrumentos de produção?

14 Em russo, este capítulo se chama *Jazyk – orudie proizvodstva*. Como a palavra russa *jazyk* corresponde a (ao menos) dois lexemas franceses ao mesmo tempo (*langue-langage* = língua e linguagem), às vezes a tradução do russo para o francês pode apresentar problemas. Na tradução francesa (realizada por Henri-Gabriel Kybarthi em 1968) de uma versão reduzida do romance, o título desse capítulo é traduzido por “*A linguagem é um meio de produção*” (Soljenítsin, 1968, p.102, grifo nosso), que não corresponde de forma alguma às ideias de Stalin, é claro.

Honestidade seria convir que a língua é um instrumento de produção pelas mesmas razões que as máquinas-ferramenta, as ferrovias e a agência de correios o são. Ela serve de fato como elo. Não foi Lênin quem disse “Nada de socialismo sem agência de correios?” Sem língua tampouco, aparentemente... Mas se tomássemos como princípio, sem pestanejar, que a língua é instrumento de produção, isso sim seria um concerto de escárnios. Não em nosso país, é claro. E ninguém para aconselhá-lo: ele era o único filósofo sobre a terra” (p.148-149).	De maneira alguma. (...) É um fato que a similitude entre a língua e os instrumentos de produção termina na analogia sobre a qual acabei de falar. Contudo, existe uma diferença fundamental entre a língua e os meios de produção. Ela reside no fato de que os instrumentos de produção produzem bens materiais enquanto a língua não produz nada ou não “produz” nada além de palavras. Para ser mais preciso, os homens que têm instrumentos de produção podem produzir bens materiais ao passo que os mesmos homens, tendo a língua mas não tendo instrumentos de produção, não podem produzir bens materiais. Não é difícil entender que, se a língua pudesse produzir bens materiais, os tagarelas seriam as pessoas mais ricas do mundo” (p.221-222).
--	---

Comparando esses dois trechos, poder-se-ia ter a impressão de que Stalin, nessa passagem, parecia prevenir esses mesmos “escárnios” que o personagem de Soljenítsin preveria mais tarde refletindo sobre a tese da língua como instrumento de produção.

Abaixo, mais adiante, outras reflexões sobre o mesmo assunto:

Soljenítsin	Stalin
“A menos que se proceda tranquilamente: ‘A este respeito, a língua, fundamentalmente distinta da superestrutura, nem por isso se distingue dos instrumentos de produção, assim como as máquinas que, como ela, são indiferentes à existência de classes’. ‘Indiferentes à diferença de classes’. Aqui estão coisas que, até há pouco tempo atrás, não deveriam ser ditas...” (p.149)	“A este respeito, a língua, que difere fundamentalmente da superestrutura, não se distingue, porém, de instrumentos de produção, digamos, das máquinas que são tão indiferentes às classes quanto o é a língua e podem servir igualmente ao regime capitalista e ao regime socialista” (p.201)

A tese das máquinas que são “indiferentes à existência das classes”, apresentada tanto em Stalin quanto em Soljenítsin, leva a outro ponto das críticas de Stalin endereçadas à “nova teoria da linguagem”: trata-se da tese de Marr sobre o “caráter de classe” que seria próprio à língua¹⁵. Vejamos o que temos no artigo de Stalin publicado em 20 de junho: “– É verdade que a língua sempre foi e continua sendo língua de classe, que não existe língua comum e única para a sociedade, que não existe língua que não seja de classe, e sim de todo o povo? – Não, é mentira.” (Stalin, 1979, p.203). E mesmo que, no romance de Soljenítsin, o personagem Stalin não reflita diretamente sobre como responder a essa questão, a tese da “indiferença à noção de classe” da língua como das máquinas está muito presente nesses dois textos, como acabamos de ver.

A resposta de Stalin à terceira questão em seu artigo de 20 de junho (“Quais são os traços característicos da língua?” [*ibid*, p.210]) toca, entre outros pontos, no problema da evolução das línguas, inclusive na interação entre elas. Em *O primeiro círculo*, é particularmente marcada a tese de que a revolução linguística não é brusca; pelo contrário, é desprovida de “saltos revolucionários”:

15 Na realidade, a posição de Marr (onde também se apresenta a categoria de “língua nacional”) estava longe de ser tão simplista assim.

Soljenitsin	Stalin
“Esse Lafargue, que teórico medíocre! ‘A brusca revolução linguística que ocorreu entre 1789 e 1794!’ (A menos que ele tenha tramado isso com seu sogro?) Que revolução? Havia uma língua francesa e ela permaneceu língua francesa” (p.150)	“Lafargue estava errado quando falava sobre ‘a brusca revolução linguística, que se dá entre 1789 a 1794’ na França (ver a brochura de Lafargue, <i>La langue française avant et après la révolution</i> [A língua francesa antes e depois da revolução]). Nessa época, na França, não houve nenhuma revolução linguística e ainda menos uma brusca revolução. É claro que, durante esse período, o vocabulário do francês enriqueceu-se de novas expressões e palavras, palavras velhas desapareceram, o sentido de certas palavras mudou, mas só isso. Pois bem, tais mudanças não decidem de forma alguma os destinos de uma língua. O essencial na língua é o sistema gramatical e o acervo lexical de base. Mas, longe de desaparecer no curso da revolução burguesa francesa, o sistema gramatical e o acervo lexical de base do francês conservaram-se sem sofrer mudanças notáveis. Eles não só se conservaram como continuam vivendo ainda hoje no francês moderno. Sem contar que, para liquidar uma língua existente e construir uma nova língua nacional (“a brusca revolução linguística”!), um espaço de cinco a seis anos é ridiculamente breve – para isso são necessários séculos” (p. 214-215).

Mais adiante ainda, essa mesma ideia de Stalin sobre a evolução linguística desprovida de “saltos revolucionários” está refletida em *O primeiro círculo* através de citações particulares que, mais uma vez, parecem ter sido diretamente transpostas do discurso do Stalin político real para a obra literária:

Soljenitsin	Stalin
“É preciso, falando em geral, lembrar nossos camaradas, entusiasmados por rupturas, que a lei de passagem de uma qualidade antiga para uma qualidade nova por meio de uma ruptura é inaplicável à evolução da língua. Além disso, é até mesmo raro que ela possa encontrar sua aplicação em outras esferas da vida social’. Stalin afastou o rosto de seu papel, releu-se. Estava bem escrito. Era necessário que os propagandistas explicassem cuidadosamente essa passagem: a partir de certo momento, as revoluções terminam e o desenvolvimento não é mais que evolutivo. E talvez mesmo a quantidade cesse de se transmutar em qualidade. Voltar-se-á mais tarde a esse ponto. ‘É até mesmo raro’... Não, ainda era prematuro. Stalin riscou essas palavras, substituiu-as: ‘Nem sempre é verdade’” (p.150)	“É preciso dizer em geral, aos camaradas aficionados por explosões, que a lei de passagem da qualidade velha para a nova por meio de explosões não é somente inaplicável à história da evolução da língua, mas que não se poderia tampouco aplicá-la sempre aos outros fenômenos sociais que dizem respeito à base ou à superestrutura” (p.215)

E ainda mais reflexões sobre o mesmo assunto:

Soljenítsin	Stalin
“Um pequeno exemplo seria bem vindo. ‘Nós passamos da estrutura burguesa da propriedade camponesa individual ao <i>kolkhoz</i> socialista’. Depois de ter posto um ponto final, como qualquer um, ele refletiu mais um pouco e corrigiu: ‘Passamos... a uma estrutura <i>kolkhoziana</i> socialista’. Era bem seu estilo: um golpe bem dado em um parafuso já bem pregado. A repetição de todas as palavras deixava cada uma de suas frases mais claras. Em seu ímpeto, sua pluma prosseguia: ‘No entanto, essa radical mudança não se operou por ruptura, ou seja, por deposição do poder vigente (passagem que os comentaristas deveriam ter a obrigação de comentar com mais atenção), nem por criação de um novo tipo de poder (mas se pensou nisso!)...’ Aproveitando o ímpeto do frívolo Lênin, a ciência histórica soviética só quer ouvir falar de revoluções vindas <i>de baixo</i>, a revolução <i>de cima</i> lhes parece uma meia medida, um híbrido de gosto duvidoso. Daqui para diante, trata-se de chamar as coisas pelo nome: ‘Uma tal realização foi possível porque se tratava de uma revolução vinda <i>de cima</i>, porque essa deposição foi possível graças a uma iniciativa do poder vigente’ (p.150-151)	“No espaço de oito a dez anos, realizamos, na agricultura de nosso país, a passagem do regime burguês de exploração camponesa individual para o regime <i>kolkhoziano</i> socialista. Foi uma revolução que liquidou o antigo regime econômico burguês no campo e criou um novo regime, o socialista. (...)” “Ela pode se dar porque era uma revolução vinda <i>de cima</i>, porque a virada radical foi realizada graças a uma iniciativa do poder existente com o apoio das massas essenciais do campesinato”. (p.215)

Enfim, o Stalin de Soljenítsin reflete sobre “o terror tão militar” na linguística (p.150). Na tradução francesa de 1968 de uma versão reduzida do romance, encontra-se no lugar disso a expressão regime de Araktchéiev (Soljenítsin, 1968, p.106). Essa mesma expressão [arakčeevskij režim] aparece diversas vezes nos textos linguísticos de Stalin no seguinte contexto¹⁶:

Soljenítsin	Stalin
“Por que esse terror tão militar na linguística?” (Soljenítsin, 1982, p.150). “Como era possível que houvesse um regime Araktchéiev em filologia?” (Soljenítsin, 1968, p.106)	“Como isso pode acontecer? Isso aconteceu porque o regime <i>araktchevieno</i>, criado na linguística, cultiva a irresponsabilidade e favorece tais excessos”. (p.217) “A discussão revelou-se muito produtiva, antes de mais nada, porque desvendou o regime <i>araktchevieno</i> e o esmagou completamente”. (<i>ibid</i>). “Liquidar o regime <i>araktchevieno</i> na linguística, renunciar aos erros de Marr, introduzir o marxismo na linguística: esse seria, a meu ver, o caminho que permitiria a purificação da linguística soviética”. (p.219) “A razão da estagnação da linguística soviética não é o ‘formalismo’ inventado por Marr e seus ‘alunos’ e sim o regime <i>araktchevieno</i> e as lacunas teóricas na linguística. Foram os ‘alunos’ de Marr que instauraram esse regime <i>araktchevieno</i>”. (p.225)

16 No livro de Alpatov sobre Marr e o marrismo, o capítulo que precede o da discussão linguística de 1950 intitula-se da mesma maneira [*Arakčeevščina*]. O autor discute, nesse capítulo, a linguística soviética de 1948 a 1950. (Alpatov, 1991 [2004, pp. 143-167]).

As menções de Stalin ao “regime *araktchevieno*” estão diretamente ligadas à sua resposta à última questão discutida em 20 de junho. “O *Pravda* estava certo em abrir uma livre discussão sobre as questões de linguística?” (Stalin, 1979, p.216). Essa expressão aparece dessa maneira, em Stalin, pela primeira vez precisamente na resposta a essa questão. De maneira indireta, Soljenítsin transpõe, para seu romance, a resposta do Stalin político real, que diz o seguinte: “Sim, teve”. (*ibid*).

Soljenítsin	Stalin
“Por que esse terror tão militar na linguística? Ninguém ousava articular uma palavra contra Marr”. (Soljenítsin, 1982, p.150). “Como era possível que houvesse um regime Arakcheiev em filologia? Todo mundo tinha medo de dizer uma palavra contra Marr”. (Soljenítsin, 1968, p.106).	“A mínima crítica da situação na linguística soviética, mesmo as tentativas mais tímidas de criticar o que se chama de ‘nova teoria’ em linguística, foram perseguidas e sufocadas pelos meios dirigentes da linguística. Uma atitude crítica dirigida à herança de Marr, a mínima desaprovação à sua teoria, colaboradores e pesquisadores de peso eram exonerados ou rebaixados. Linguistas eram chamados para os cargos de confiança não por suas qualidades científicas, mas com a condição de reconhecerem sem reservas a teoria de Marr”. (p.216-217 e seguintes).

3 O impacto da intervenção stalinista

Como se pode ver, a maioria das teses-chave stalinistas da discussão linguística de 1950 – quer tenham sido publicadas em 20 de junho ou mais tarde – foram fielmente transpostas por Soljenítsin para *O primeiro círculo*. A falta de paralelismo entre as reflexões do verdadeiro Stalin e do Stalin personagem é raríssima. O fato de o autor (matemático e não filólogo de formação) conhecer tão bem o conteúdo dessa discussão testemunha o grande impacto da intervenção stalinista que, na URSS, ultrapassava de longe o quadro das ciências da linguagem propriamente dito.

Tradução: Jessica Bandeira

Revisão: Patrícia Reuillard e Ana Zandwais

Referências

- ALPATOV,V.M. Istorija odnogo mifa: Marr i marrizm. Moskva: URSS,2004.[L’histoire d’un mythe. Marr et le marrisme], 1991 [2004]
- CALVET, L.-J «Sous les pavés de Staline la plage de Freud?», in Calvet L.-J. Marxisme et linguistique. Paris: Payot, 1977, p. 7-40.
- GORBANEVSKIJ, M.V. «Konspekt po korifeju», Literaturnaja gazeta, le 25 mai 1988, p. 8. [Le coryphée: un abrégé]
- _____. V načale bylo slovo... : Maloizvestnye stranicy istorii sovetskoj lingvistiki. Moskva: Izdatel'stvo Universiteta družby narodov. [Au commencement était le Verbe....: des pages peu connues de l’histoire de la linguistique soviétique], 1991.

- ILIZAROV, B.S. Početnyj akademik Stalin i akademik Marr. Moskva: Veče. [L'académicien honoraire Staline et l'académicien Marr], 2012.
- IPARSKY, V. Current Trends in Linguistics. Den Haag – Paris: Mouton, , 1970.
- L'Hermitte R. Marr, marrisme, marristes. Paris: Institut d'études slaves.
- SOLJENITSYNE, A.. 1968: Le premier cercle. Paris: Robert Laffont (traduit du russe par H.-G. Kybarthi), 1987.
- _____, A. Le premier cercle. Paris: Fayard (traduit du russe par L. Martinez), 1982.
- _____, A. I V krugu pervom (Solženicyn A.I., Sobranie sočinenij v devjati tomach, vol. II). Moskva: Terra. [Au premier cercle], 1999.
- STALIN, J.. Marksizm i voprosy jazykoznanija. Moskva: Gosudarstvennoe izdatel'stvo političeskoj literatury. [Marxisme et questions de linguistique], 1950.
- _____, J «Marxisme et questions de linguistique. Lettre à la camarade E. Kracheninnikova. Lettre au camarade Sanjéiev. Lettre aux camarades D. Belkine et S. Fourer. Lettre au camarade A. Kholopov», In : Gadet F., Gayman J.-M., Mignot Y., Roudinesco E. Les maîtres de la langue, avec les textes de Marr, Staline, Polivanov. Paris: François Maspero, 1979, p. 198-236.
- VELMEZOVA, E. «“O proisxoždenii vsech slov ot slova ruka v sta mirovyx jazykax”»: marristskaja lingvistika v romane A.I. Solženicyna V krugu pervom», in Faustov A. (éd.), Universalii russkoj literatury, 3. Voronež: Naučnaja kniga, 2011, p. 358-367 [«Sur la dérivation de tous les mots de la ‘main’ dans cent langues du monde»: la linguistique marriste dans le roman d'A. Soljénitsyne Le premier cercle], 2011.